

Novo longa de
Walter Salles vai
para Veneza



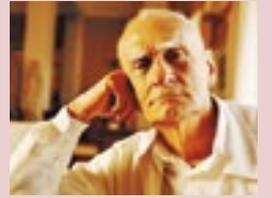
PÁGINA 4

Conheça as
reliquias do
Museu do Oscar



PÁGINA 5

Legado de Ariano
Suassuna segue
inspirando jovens



PÁGINA 7

2º CADERNO

'Agora é que está vindo o reconhecimento'

Murilo Alves/Divulgação

Aos 88 anos, Alaíde Costa acredita que está vivendo o auge em sua carreira

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Aos 88 anos, Alaíde Costa diz que está vivendo seu auge. Há dois anos, lançou o disco "O Que Meus Calos Dizem Sobre Mim", o primeiro de uma trilogia que esta semana chegou ao segundo volume, "E o Tempo Agora Quer Voar", em que canta composições de gente como Emicida, Caetano Veloso, Nando Reis, Marisa Monte e Carlinhos Brown.

Não é como se antes disso a cantora, voz seminal e excluída da bossa nova, estivesse parada - na verdade, neste século, já lançou mais de uma dezena de álbuns. O sentimento de estar no auge, ela diz, não tem a ver com a frequência da produção, nem com dinheiro.

"Agora é que está vindo o reconhecimento", diz. "Já não esperava mais que isso acontecesse. E uma coisa que me deixa muito feliz é que estou tendo um público jovem nos shows. Isso vem da pandemia para cá."

É um acerto de contas tardio com a dona de uma voz que já tinha a cara da bossa nova antes mesmo de o gênero existir, nos anos 1950, mas ficou de lado quando o gênero ganhou o mundo. No caso do novo álbum, é também um acerto de contas com Caetano.

Única mulher no antológico álbum "Clube da Esquina", Alaíde foi com Milton Nascimento ao encontro do baiano, em 1974, pedir a ele uma canção para o disco que estava fazendo sob produção do mineiro "Coração", lançado em 1976. Chegaram a bater à porta de Caetano, mas ele estava dormindo.

Alaíde e Milton desistiram da ideia, mas anos depois ela e Caetano comentaram a história. "Ele falou 'poxa, que pena que não entrei no seu 'Coração'", diz Alaíde. "Falei para ele 'você não entrou só porque você não quis'."

Essa resposta que a cantora deu virou título e refrão da primeira faixa do novo disco, que Emicida fez como uma provocação - escreveu a letra com auxílio



de Alaíde e enviou ao tropicalista para musicá-la.

Não é a única canção com temas relativos à biografia da cantora no disco. "Bilhetinho", com letra de Emicida e Luz Ribeiro e melodia de Rubel, surgiu de histórias contadas por Alaíde dos tempos de paquera na adolescência. "Meus Sapatos", outra com letra do rapper, e melodia de Gilson Peranzetta, remete ao disco anterior e a São Paulo, cidade que ela mora, entre idas e vindas do Rio, desde os anos 1960.

A outra parte do repertório não trata de maneira literal da vida da artista, mas foi feito para ela. Em "Suave Embarcação", na qual canta com a amiga de décadas Claudette Soares, Alaíde enviou uma melodia criada no piano para Nando Reis, que fez a letra. É a segunda colaboração da dupla.

Assim como no antecessor, "E o Tempo..." tem produção do trio Emicida, Marcus Preto e Pupillo, ex-baterista do Nação Zumbi que também assume as baquetas nos trabalhos de Alaíde. Eles trabalharam com o mesmo time de músicos, que inclui Fábio Sá no contrabaixo acústico, Léo Mendes no violão de sete cordas e arranjos de sopro de Henrique Albino e Antonio Neves.

Continua na página seguinte

‘Quando a bossa nova ficou famosa, aí começaram a me ignorar’

O título do trabalho, retirado da letra de Nando Reis, dá o tom da obra - uma reflexão sobre o tempo, que passou de maneira bastante particular para Alaíde. Há mais de 70 anos, a jovem tímida da zona norte carioca, que se encantou ao ouvir no rádio “Noturno em Tempo de Samba”, na voz de Silvio Caldas, foi notada por João Gilberto, nos estúdios da Odeon, em 1958.

Alaíde participava de programas de auditório na rádio, tinha lançado um single e era atração da casa noturna Dancing Avenida. Nessa época, ouvia que “canta bem, mas não tem voz”.

“Era difícil, porque eu cantava de um jeito diferente. Diziam que eu cantava difícil, escolhia músicas difíceis”, diz. “Aprendi música do Johnny Alf para cantar em programa de calouro. Ninguém entendia nada, mas eu ia lá cantar. [Os outros] cantavam aqueles dramas da vida.”

Alf e Alaíde, que se tornaram amigos, tinham muito em comum. Ícones negros que acabaram escanteados da bossa nova, eram ambos bastante tímidos e já incorporavam premissas estéticas do gênero musical antes de ele existir.

Foi João Gilberto quem levou Alaíde para a bossa nova, ela diz, “antes de ter esse nome, de ser famosa”. Ela passou a pegar dois ônibus e fazer uma longa caminhada para ir do Méier até os apartamentos da zona sul onde a bossa nova era gestada.

Conheceu e fez shows com aquele pessoal, entre eles Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Sylvia Telles e Nara Leão. Segundo o livro “Chega de Saudade”, de Ruy Castro, Alaíde teve com “Chora tua Tristeza” a primeira canção da bossa nova a “estourar fora dos limites do movimento”.

Mas o prestígio que tinha com os músicos não se repetia nas gravadoras. Quando foi gravar sua bossa, ela diz, “ficou meio rumba”. “João [Gilberto] foi comigo, para me acompanhar, mas não deixaram. Disseram que já tinha um músico deles - aliás, um grande músico, mas não conhecia a bossa nova.”



Enio Cesar/Divulgação

Divulgação

Alaíde Costa com Emicida e Marcus Preto, produtores de seu mais novo álbum

Em 1962, Alaíde ficou no Brasil quando a turma viajou a Nova York para participar do show no

Carnegie Hall que ficou conhecido como um marco da internacionalização da bossa nova. No evento que

celebrou os 60 anos da data, no ano passado, no mesmo local, ela foi ovacionada. “Quando a bossa nova

ficou famosa, aí começaram a me ignorar”, diz.

Em poucos anos, ainda na década de 1960, Alaíde passaria anos sem gravar novos discos. “Diziam para cantar samba, ‘uma coisa mais animadinha’. Queriam que eu cantasse coisas que eu não gostava, a cada movimento que surgia”, ela diz. “Olha, a coisa foi tão drástica, que eu tive uma proposta para cantar ‘Serenata do Adeus’ em ritmo de iê iê iê. Não sou louca, né?”

Ela diz que também não encontrou espaço nos núcleos artísticos e movimentos de música negra da época. “O porquê eu não sei. Só sei que nunca me convidaram para nada.”

Alaíde nunca conversou com Alf, que morreu em 2010, sobre o papel do preconceito racial nesse processo de exclusão pelo qual passaram. “Era uma coisa velada, e eu era muito ingênua. Não percebia. Mas, com o passar dos anos, a gente vai aprendendo.”

O resgate de sua carreira veio primeiro com Milton Nascimento, no “Clube da Esquina”, em 1972. No ano seguinte, lançou o que considera o seu disco mais bonito, “Alaíde Costa e Oscar Castro Neves”. Em uma trajetória irregular, compôs com Vinicius de Moraes e Tom Jobim e passou períodos de baixa, se apresentando em bares para pagar as contas.

Hoje, Alaíde vive numa toada que é só dela. Com uma oratória pausada, começou a entrevista dizendo que não é muito de falar, não quis se aprofundar em assuntos polêmicos e saiu depois para um passeio no meio da tarde. Se a voz se mantém em forma, a idade, ela diz, “é claro que pesa”. “Mas tenho muita disposição. Bato uma perna que só vendo.”

Também mantém a postura mansa, elegante e delicada que é a cara do gênero musical que, através da voz, ajudou a formatar. Quando recebeu a composição “Ata-me”, de Junio Barreto e Montorfano, presente em seu novo disco, teve que mudar o andamento da canção. “Falei que não ia cantar aquilo. Era muito rápido, e minha língua não acompanha. Eu canto lento, falo lento. Rápido, para mim, não dá.”

Roberto Cardoso Jr/Divulgação

Hora de relembrar discos clássicos

Rubinho Jacobina resgata repertório de álbum de Jorge Mautner, que completa 50 anos, no Festival Bodas de Ouro

Para celebrar os 50 anos de álbuns históricos, o Espaço Cultural Sérgio Porto dá início nesta quarta-feira (24) ao Festival Bodas de Ouro. A estreia do evento terá o cantor e compositor Rubinho Jacobina interpretando o repertório completo do célebre disco de Jorge Mautner gravado em 1974, num show com participação especial da cantora Sílvia Machete.

“Será um encontro com um lado muito significativo da minha formação. É como estar junto do Nelson (Jacobina, irmão de Rubinho e parceiro inseparável de

Mautner) e do Jorge para cantar músicas que eu adoro. Todos arranjos, melodias... o tipo de som que escutamos nesse álbum está dentro do que eu faço. Gosto de um bom feijão com arroz, como o que faço lá em casa”, lembra Rubinho.

Conhecido por sua mistura única de poesia, filosofia e música, Mautner se uniu em 1974 a seu parceiro Nelson Jacobina, Roberto de Carvalho, Tutty Moreno, e outros músicos geniais com a produção de ninguém menos que Gilberto Gil para gravar esse álbum revolucionário com clássicos como “Maracatu Atômico”, “Matemática do Desejo” e “Guzzy Muzzy”, entre outros.

SERVIÇO

FESTIVAL BODAS DE OURO | RUBINHO JACOBINA CANTA JORGE MAUTNER

Espaço Cultural Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). 24/7, às 18h. Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Rubinho Jacobina terá Sílvia Machete como convidada

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Nova parceria

Gu Andersen aproveita o sucesso de “Quando A Gente Sente”, seu single anterior, para lançar uma nova faixa em parceria com Bells, que conta com mais de 1,3 milhão de plays em “caminhada” e participa do coletivo Reggae Brazuca. A nova faixa “Tô te Esperando pra Dançar”. Com uma sonoridade de reggae dos anos 90, a música é inspirada em “Lady (Aco 1045)”, da banda de reggae Mano Bantu, e conduz o ouvinte em uma jornada dançante e fala sobre algo que o músico ama cantar, que é o amor.

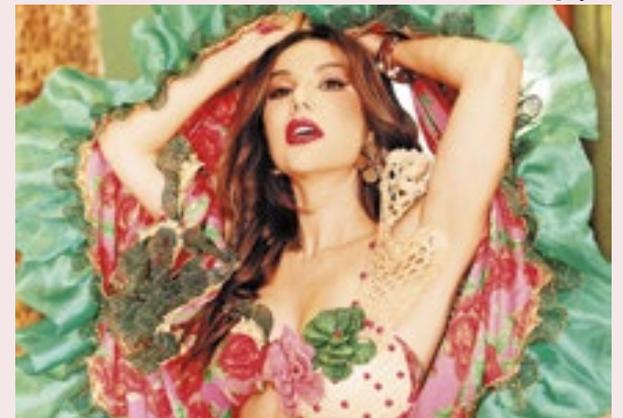
Divulgação



Na onda do baião

Autor de mais de 300 músicas, gravadas por grandes nomes da MPB, e parceiro de João Bosco, Moraes Moreira, Roberto Menescal, Fagner, João Donato e Sueli Costa, Abel Silva inaugura a dobradinha com o filho André Trindade no single “Cordão de ouro e flores”, com vocais de Pedro Miranda e Mari Jasca. A direção musical leva a assinatura do violonista e produtor Luís Felipe de Lima, um dos mais requisitados da cena musical atual. A banda reúne Guto Vritti (baixo), Kiko Horta (sanfona), Durval Pereira (percussão) e André Trindade (violão).

Flávia Monteiro/Divulgação



É preciso falar disso

Que mulher não passou pela triste realidade de uma importunação sexual, seja no trabalho, nos transportes públicos ou ainda nos estabelecimentos em geral e principalmente em bares, em pleno clima festivo? A cantora, compositora e musicista paraense Liah Soares lança luz sobre esse tema atemporal de forma leve, popular e direta através da música “Eu Só Sou Legal”, já nas plataformas digitais com direito a videoclipe. “Que atire a primeira pedra a mulher que nunca passou por qualquer desconforto, não importando a faixa etária”, comenta Liah.

CORREIO CULTURAL

Divulgação / Disney Pixar



'Divertida Mente 2': fenômeno de bilheteria mundial

'Divertida Mente 2' se torna o filme mais visto no Brasil

"Divertida Mente 2" vendeu mais de 20 milhões de ingressos no Brasil e se tornou o filme mais visto nos cinemas do país, sendo o primeiro a atingir a marca.

Após menos de um mês desde sua estreia, a animação da Pixar bateu o recorde de "Vingadores: Ultimato", de 2019, que levou 19,7 milhões de espectadores aos cinemas

e arrecadou R\$ 339 milhões. "Divertida Mente 2" já angariou R\$ 400 milhões.

Em nível global, "Divertida Mente 2" já tem a segunda maior bilheteria de uma animação na história do cinema. O filme já arrecadou mais de US\$ 1,371 bilhão e superou "Super Mario Bros. O Filme", lançado no ano passado, que faturou US\$ 1,361 bilhão.

Não é bem assim

Apesar de anunciar sua aposentadoria, Gilberto Gil pode se apresentar esporadicamente. Sua esposa, Flora Gil, confirmou que não será a última vez que ele pisará no palco. "Fará apresentações esporádicas, não mais turnês", disse ao podcast Powercast.

Não é bem assim II

"Foi uma decisão bem pensada do Gil, de dar, sabiamente, um passo para trás. Para dar outros à frente", disse Flora, que cuida da carreira do marido e de outros integrantes da família. Ela assessora ainda a enteada Preta, a filha Bela e o grupo Os Gilsos.

Novo sócio

Por meio de suas redes sociais, Feipe Neto anunciou que passa a fazer parte do Instituto Conhecimento Liberta (ICL), fundado pelo economista Eduardo Moreira. O influenciador afirma querer contribuir para a educação midiática.

Novo sócio II

"Quero usar de toda a capacidade que disponho de influência, de público, de tudo, para fazer com que o ICL invada a casa das pessoas, que as pessoas vão confiar", disse, ao justificar seu investimento na plataforma de notícias e cursos.

Divulgação



Fernanda Torres em 'Ainda Estou Aqui'

Novo longa de Walter Salles é selecionado para dois festivais

'Ainda Estou Aqui' entra na disputa em Veneza e Toronto; 'Enforcados', de Fernando Coimbra, também estará no evento canadense

Divulgação



Lenadra Leal e Irandhir dos Santos em 'Os Enforcados'

Depois de um hiato de dez anos sem longas iniciado depois de seu documentário sobre Jia Zhagke, o diretor Walter Salles vai concorrer ao Leão de Ouro na 81ª edição do Festival de Veneza, de 28 de agosto a 7 de setembro, na Itália, com seu mais novo projeto, "Ainda Estou

Aqui". É a terceira vez que o cineasta participa do Festival, onde esteve em 2001 acompanhando a estreia de "Abril Despedaçado" e em 2009 recebeu o prêmio Robert Bresson, pelo conjunto da sua obra.

O realizador de "Central do Brasil" (Urso de Ouro de 1998) volta à ficção adaptando o livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva

sobre os bastidores da luta de sua mãe, Eunice, contra a ditadura. O relato começa no início dos anos 70, quando um ato de violência muda a história da família Paiva para sempre. O livro e o filme abraçam o ponto de vista daqueles que sofrem uma perda em um regime de exceção, mas não se dobram. Fernanda Torres e Fernanda Montenegro se revezam no papel central enquanto Selton Mello vive o pai de Marcelo.

"Estamos felizes de ir a Veneza com um filme tão pessoal. O livro de Marcelo me marcou profundamente, e nos convida a olhar essa história do ponto de vista de sua mãe, Eunice. No centro desse relato há uma mulher que teve que se reinventar e romper com os laços patriarcal das famílias brasileiras. Eunice, em sua contenção, traça uma forma de resistência incomum. O livro e o filme podem ser vistos como um relato sobre a reconstrução de uma memória individual conduzida por essa mulher, que se sobrepõe à busca pela

reconstrução da memória de um país, o Brasil. Essa sobreposição entre o pessoal e o coletivo é uma das razões pelas quais quis fazer este filme. A busca da família Paiva se confunde com a luta pela redemocratização do Brasil", explica o Salles.

O novo filme de Salles também foi selecionado para a 49ª o Festival de Toronto na companhia de outro título brasileiro. Trata-se de "Os Enforcados", do diretor paulista Fernando Coimbra. A produção, estrelada por Irandhir Santos e Leandra Leal - esta, com quem o diretor volta a trabalhar depois do sucesso de "O Lobo Atrás da Porta", de 2014 - retrata o submundo do jogo do bicho no Rio e mistura suspense, terror e comédia.

O Festival de Toronto, que acontece entre 5 e 15 de setembro, ainda terá filmes como "Eden", de Ron Howard com Ana de Armas, "Unstoppable", com Jennifer Lopez, "We Live in Time", com Andrew Garfield, "Oh, Canada", de Paul Schrader, "Without Blood", escrito e dirigido por Angelina Jolie, "The Shrouds", de David Cronenberg, "Anora", de Sean Baker.

Reprodução

Por Guilherme Genestreti (Folhapress)

Os produtores de “O Poderoso Chefão” não queriam que o ator-problema Marlon Brando assumisse o papel do mafioso Vito Corleone sem antes passar por um teste de atuação. Mas como convencer alguém do porte dele a se submeter a isso?

Pois o diretor Francis Ford Coppola inventou o pretexto de que ele deveria fazer uma simples prova de maquiagem. O astro botou graxa no cabelo, um punhado de lenços de papel na boca para projetar o que chamava de “mandíbula de buldogue” e ganhou o papel. O resto é história.

Anedotas como essas recheiam o Academy Museum of Motion Pictures, instituição erguida pela Academia responsável pela entrega do Oscar em Los Angeles.

Itens de figurino, objetos de set, storyboards, equipamentos de filmagem, máscaras e bonecos, além de um farto material audiovisual compõem o acervo do museu, aberto em 2021. Material farto para cinéfilos, ideal para quem esteja passando alguns dias na grande metrópole californiana.

Algumas obras ganham espaço especial ali, como “Casablanca”, de Michael Curtiz, filme para o qual o seu estúdio, a Warner, não dava muita bola, mas que acabou se firmando como um dos maiores clássicos da história.

O malfadado romance entre o expatriado americano vivido por Humphrey Bogart e sua antiga amante interpretada por Ingrid Bergman, agora casada com um refugiado perseguido pelos nazistas, só ganhou força graças ao fato de ter sido lançado poucas semanas após o desembarque dos Aliados no norte da África, onde a trama é ambientada.

Estão no museu a porta do clube noturno gerido por Rick Blaine, personagem de Bogart, e o piano no qual Sam, músico da casa, toca “As Time Goes By” - Dooley Wilson, conta a instituição, era baterista e não pianista, de forma que teve de fingir que estava executando a canção nas cenas do longa.

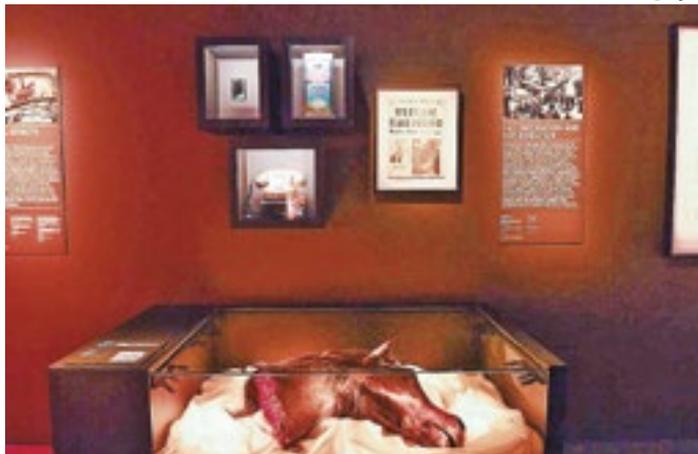
O “Chefão” de Coppola tem uma ala só sua, com manequins empunhando os trajes dos personagens, como o que Robert De Niro usou ao dar vida ao jovem Vito na segunda parte da trilogia, e o vestido com que Diane Keaton aparece na sequência do casamento que abre o primeiro filme. A sala em que Don Corleone recebe seus apadrinhados e anuncia ofertas irrecusáveis também é recriada de forma meticulosa - com mata-borrão na escrivaninha e tudo.

Mesmo uma cineasta que encarou a fanfarronice de Hollywood com distanciamento e certa dose de ironia, como Agnès



Fachada do Museu do Oscar, aberto em 2021, em Hollywood

Divulgação



Réplica da cabeça de cavalo usada numa das cenas de ‘O Poderoso Chefão’ integra a ala dedicada à obra-prima de Francis Ford Coppola



Divulgação

Mesmo sendo uma ferrenha crítica de Hollywood, a realizadora belgo-francesa Agnès Varda tem uma seção dedicada a seu longa ‘Cléo das 5 às 7’

Tesouros da Sétima Arte

Reunindo objetos de clássicos como ‘O Poderoso Chefão’ e ‘Casablanca’, o Museu do Oscar é sucesso em Hollywood

Varda, tem seu lugar no Museu do Oscar. Entre pôsteres e vídeos de making of de “Cléo das 5 às 7”, a instituição reserva espaço especial para a produção da diretora da virada dos anos 1960 para os 1970, quando a belgo-francesa mergulhou no redemoinho político e comportamental da América da época e saiu com o documentário “Os Panteras Negras” e o experimental-hipponga “O Amor dos Leões”.

Por ser um museu mantido pela Academia, o Oscar tem papel central, é claro. Dá para ver um punhado de discursos dos vitoriosos, como aquele em que Steven Spielberg

faturou sua primeira estatueta, por “A Lista de Schindler”, e a dedicou aos milhões de judeus mortos em campos de concentração. E uma ala conta a linha do tempo e curiosidades da premiação, com direito a estatuetas de verdade enfileiradas em mostruários - mas ignora a gafe em que Warren Beatty e Faye Dunaway anunciaram a vitória de “La La Land” no lugar de “Moonlight”.

Para quem não está familiarizado com o metiê, o museu oferece lições bastante ilustrativas sobre todos os processos envolvidos na produção de um filme. Quando explica o trabalho de um figurinista, por exemplo,

traz depoimento de Ann Roth detalhando o processo de criação dos vestidos usados por Viola Davis em “A Voz Suprema do Blues” ao lado de roupas usadas por Kate Winslet em “Titanic” e Eddie Murphy em “Um Príncipe em Nova York”. Para entender o que faz um cabeleireiro de set, exhibe a peruca usada por Robin Williams em “Uma Babá Quase Perfeita” e Uma Thurman em “Batman e Robin”.

Bruce, um dos mais ilustres desconhecidos de Hollywood também está exposto lá. É o boneco mecanizado de 7,6 metros de extensão usado em “Tubarão”, de 1975 - relíquia de uma época em que o cinema gastava miolos para produzir efeitos especiais práticos e ainda não havia cedido à medonha computação gráfica de Marvel e afins.

O que se diz é que, durante as filmagens, Spielberg levou os amigos Martin Scorsese, John Milius e George Lucas para conhecer o brinquedo, mas o último acabou preso na bocarra do bicho. Os demais forçaram até arrancar o futuro diretor de “Star Wars” de lá de dentro e deram no pé, com medo que tivessem quebrado alguma coisa e fossem obrigados a ressarcir os produtores.

Mas essa anedota o museu não conta.

‘Birdman’, premiado longa do realizador mexicano, alça voo na streaminguesfera

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Em destaque na Netflix com “Bar do” (2022), com Daniel Giménez Cacho, Alejandro González Iñárritu está se espalhando pela streaminguesfera com seus maiores sucessos. Seu aclamado “Birdman ou (A Inesperada Virtude da Ignorância)” (2014) - laureado com quatro Oscars, entre eles a estatueta de melhor direção – arrumou um espaço nobre na grade da Disney +, neste momento em que celebra dez anos de sucesso.

Filmes que conseguem reinventar (ou reciclar) a carreira de atores outrora famosos, mas chapados em rótulos, costumam se candidatar, de cara, ao brilho eterno do amor cinéfilo por seu fator surpresa e por seu espírito redentor. Assim sendo, “Birdman or (The Unexpected Virtue of Ignorance)” (título original) teria seu quinhão de aplauso só por soltar o bicho que, há tempos, andava preso na alma de Michael Keaton, pelo menos desde “Jackie Brown”, lá atrás, em 1998.

Porém, existe mais do que um ator em estado de graça na produção de US\$ 18 milhões filmada por Iñárritu em Manhattan, NY, fingindo ser um plano-sequência de 119 minutos de dramédia moral. Em um gesto de descarrego das tragédias que fizeram sua fama de “Amores Brutos” (2000) ao belo “Biutiful” (2010), o cineasta cria uma aeróbica de planos sem corte, alinhados por uma batida de pratos de bateria, numa maratona sinestésica, a fim de expressar a ressaca na qual a indústria audiovisual dos EUA se encontra.

Repetições de fórmula, confinamento de astros a personalidades icônicas, uma política de continuções e de remakes – tudo isso chocou o chicano que surfou na Nueva Onda latino-americana dos anos 2000, a mesma que revelou “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles; os argentinos “El Bonaerense – O Outro Lado da Lei” e “Nueve Reinas” e paulistíssimo “O Invasor”, de Beto Brant.

Diante de uma Babel distinta da sua “Babel” (pelo qual ganhou o prêmio de melhor diretor em Cannes em 2006), o cineasta egresso da Cidade do México achou Hollywood uma festa estranha com gente esquisita. E desta impressão tirou o clima desta comédia sobre um ator que, no passado, fez



Iñárritu (à direita) dá instruções a Michael Keaton nas filmagens de ‘Birdman’

Nas asas de Iñárritu



Divulgação

fortuna e fama sob a fantasia do Homem-Pássaro, e, no presente, amarga a indiferença dos colegas.

Num empenho para reaver o respeito

que perdeu (a começar pelo respeito consigo mesmo), Riggan Thomson (Keaton, numa atuação devastadora) tenta fazer uma peça na Broadway, tendo o quindim das artes cênicas

(mas, ao mesmo tempo, garoto-enxaqueca dos palcos) como seu parceiro de ribalta: Mike (Edward Norton). Mas, com alma fraturada pela perda de prestígio e da autoconfiança, e com o bolso a vazar dólares por conta de uma montagem atribulada, Riggan vira uma espécie de Ubu Rei na patafísica que a Cultura das Celebidades se tornou: o darling de ontem é o loser de hoje.

Bastava uma sequência para que o longa – laureado com Oscars de melhor filme, direção, roteiro original e fotografia – durasse para sempre em nós: o trecho no qual Keaton desfila só de cuecas pela Broadway, remoendo a impotência de ser uma estrela em ocaso.

A fotografia de Emmanuel Lubezki enquadra a “Rua Larga” como uma Sodoma e Gomorra do entretenimento. Mas Iñárritu vai além e nos dá uma cena capaz de por abaixo a veledade de uma das espécies mais ferozes da cadeia alimentar das artes: a crítica. O embate entre Riggan e a crítica de teatro nº 1 de Nova York (Lindsay Duncan) revela a hipocrisia de uma classe que, por vezes, dá sinais de miopia, opacizada pela catarata da onipotência. Viva México! Viva Keaton!

Na ponta do lápis, “Birdman”, que começou sua carreira no Festival de Veneza, fez sucesso comercial, tendo faturado US\$ 103 milhões nas bilheteria.

E tem mais Iñárritu no streaming: “21 Gramas” (2003), na Amazon Prime, com Sean Penn em uma dilacerante atuação como um matemático que teve o coração transplantado.

Ariano Suassuna segue dialogando com o Brasil

Difusão de legado com jovens marca os dez anos da morte do escritor, poeta e dramaturgo

José Matheus Santos (Folhapress)

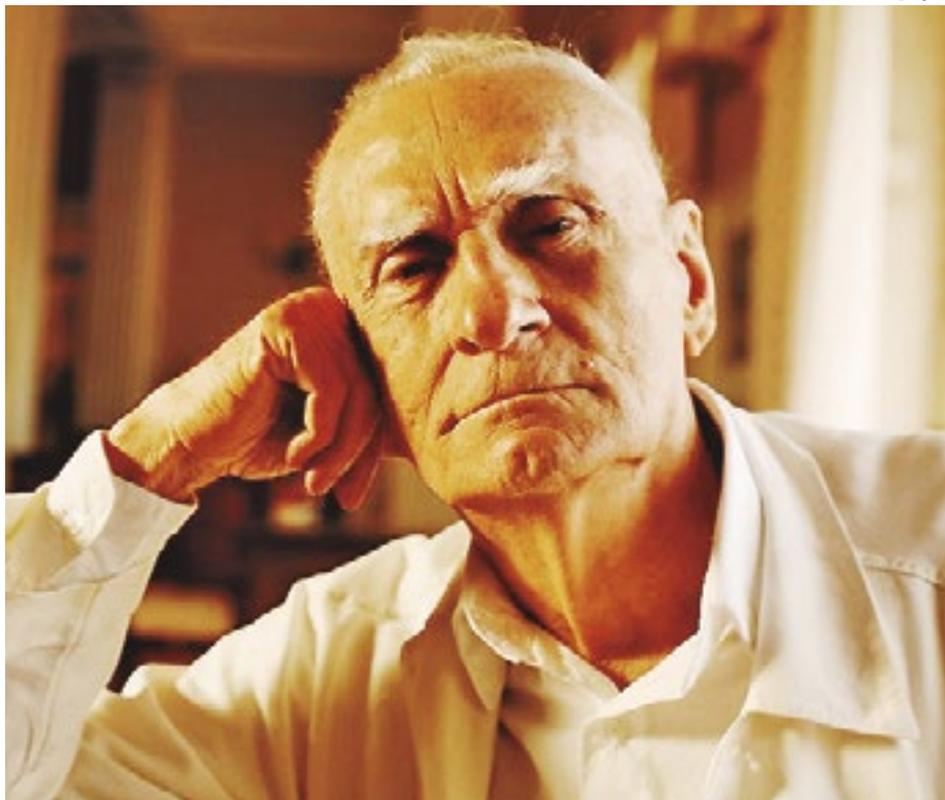
Um ditado popular diz que não se deve falar de política, futebol e religião. Para o escritor Ariano Suassuna, não era bem assim. Católico assumido, torcedor do Sport e progressista ligado à esquerda, o paraibano que também está no coração dos pernambucanos deixou marcas em diversos gêneros da literatura e das artes. A morte do escritor completa dez anos nesta semana. Ele morreu em 23 de julho de 2014, dias após sofrer um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

O escritor nasceu na Paraíba em 1927 e foi para Pernambuco por decisão da família após seu pai ser assassinado no Rio de Janeiro, quando era deputado federal pela Paraíba, por motivos políticos. João Pessoa foi sucessor do pai de Ariano, João Suassuna, como presidente da Paraíba, cargo equivalente hoje ao de governador. As obras de Ariano se passam na Paraíba majoritariamente. Com a chegada ao Recife, a família teve maior liberdade, incluindo Ariano, que perdeu o pai aos três anos de idade.

Para João Suassuna, neto do escritor, o avô não morreu, ele se encantou, como dizia Guimarães Rosa, que era amigo de Ariano. O neto mais velho do escritor é responsável por coordenar as ações de preservação e disseminação do seu legado. “Geralmente, quando um artista morre, a gente vê diminuir a intensidade, Ariano está cada vez mais vivo, atuante, nas diversas personalidades dele”, diz.

Ariano é autor de tradicionais clássicos da literatura nacional, como “O Auto da Compadecida”, “O Sedutor do Sertão” e o “Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”.

As obras de Ariano eram separadas, mas tinham fios condutores para conectá-las. Isso



Divulgação

A obra de Ariano Suassuna segue inspirando as gerações mais jovens de brasileiros, inclusive com presença nas redes sociais

porque há similaridade entre alguns personagens e resgates de histórias e relações sociais, econômicas e políticas entre elas.

“No ‘Auto da Compadecida’, por exemplo, temos a exploração do homem pelo homem, corrupção, a Igreja, senhor de terras, padeiro e mulher do padeiro são burgueses que exploram os trabalhadores. É uma obra supratemporal”, diz o professor Carlos Newton Júnior, do departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Carlos Newton conviveu por mais de 30 anos com Ariano Suassuna e é responsável por reeditar suas obras e produzir lançamentos de novos itens, como materiais completos apenas com poesias este a ser lançado ainda. Em 2017, por exemplo, foi lançado o livro “O Jumento Sedutor”, obra que Ariano tinha escrito antes de morrer.

Para isso, o educador fez um vasto trabalho de coleta envolvendo pesquisas em jornais e revistas, além de materiais que Ariano tinha dado a Carlos Newton, que foi seu aluno no curso de Arquitetura na UFPE. Ele lecionava uma disciplina sobre estética. “A obra de Ariano sempre teve um nível de qualidade

muito elevado. Ele conseguia lidar com maestria em vários gêneros, era o diferencial dele para outros escritores”, diz Newton.

Um dos focos tem sido ampliar a presença das obras de Ariano junto ao público infantojuvenil. Recentemente, a editora Nova Fronteira publicou uma obra apenas com produções de Ariano que se encaixam no perfil voltado a crianças e jovens. Reedições de obras, como a de “O Sedutor do Sertão” em 2020, também fazem parte da estratégia de resgatar as suas produções literárias.

Outro ponto de aproximação com o público é o filme “O Auto da Compadecida 2”, que será lançado no dia 25 de dezembro deste ano, como um presente de Natal para o público brasileiro. “Não é refilmagem, é uma continuação 25 anos depois. O livro foi escrito em 1955 sobre a década de 1930. O filme de Guel Arraes saiu em 1999 e agora o segundo será em 2024, sobre a década de 1950. Ou seja, são 25 anos tanto do livro quanto do filme. Isso foi uma escolha nossa porque os atores envelheceram e o lapso temporal será respeitado”, explica João.

O neto de Ariano também deu pistas do

que terá no novo filme. “João Grilo e Chicó se separam, por um motivo que não posso dizer. João Grilo é o cara que ressuscitou, se torna um mito, um milagreiro, e a ação começa a partir daí com os dois fazendo uso dessa questão de João Grilo ser um cara que ressuscitou.”

Com “O Auto da Compadecida”, o escritor ganhou a medalha de ouro do Festival de Amadores Nacionais em 1957. Daí em diante, passou a ser requisitado para escrever obras de teatro. O livro já foi traduzido e publicado em países como Estados Unidos e França.

Ariano também era um nacionalista, uma característica que também fez parte do Movimento Armorial, fundado pelo escritor anos anos 1970 com o objetivo de impulsionar ações culturais com raízes brasileiras. A família do escritor planeja fazer um instituto na própria residência onde ele morava, mas não há previsão para que isso aconteça. Sua viúva, Zélia, ainda mora na casa.

Ariano exerceu cargos de secretário de Cultura de Pernambuco e de assessor especial do governo estadual, nas gestões de Miguel Arraes e de Eduardo Campos. Uma das principais ações foi transformar espaços com manifestações culturais em anfiteatros, além de promover aulas-espetáculo com diversas manifestações artísticas nos municípios.

Durante a ditadura, Ariano escondeu amigos que eram perseguidos pelo regime na sua casa. No período, ele também participou do Conselho Nacional de Cultura após ter o aval de Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife que era contra a ditadura.

No futebol, Ariano era torcedor ferrenho do Sport Club Recife e costumava vestir vermelho e preto. Em homenagem ao torcedor ilustre, o clube lançou em 2023 a camisa Sport fino, um dos produtos mais vendidos nas lojas do Sport.

Dez anos após sua partida, Ariano Suassuna está presente nas redes sociais, também para aproximar a memória dele do público das plataformas digitais. O perfil @ariano-suassunamestre tem 714 mil seguidores e vídeos que superam 7 milhões de visualizações. Um dos mais conhecidos é um em que Ariano fala sobre viagens de avião. “As viagens de avião se dividem entre as tediosas e as fatais”, dizia, com seu humor afiado.

'Essa inquietude virou literatura'

Filha dos poetas Alice Ruiz e Paulo Leminski, Estrela Ruiz Leminski estreia na prosa com romance em que resgata ancestralidade de sua família

Todas as famílias têm suas lendas, suas histórias repassadas até parecerem uma grande invenção. Na família de Estrela Ruiz Leminski, uma das principais era a história de sua bisavó por parte de mãe. Era uma mulher cigana que, ao se casar com um homem rico, foi a motivação da tradicional família deserdá-lo e, com isso, começar a jornada que resultaria na vinda da família para o Brasil.

Dessa mulher, considerada uma ousadia em seu tempo, não se tinha nenhum registro além do caso que havia um quadro com a única imagem dela em um museu na Espanha. Essa lenda familiar foi comprovada ao ser encontrada em exposição no grandioso Museu do Prado, em Madrid.

Revisitando e recriando a história de personagens como essa bisavó, Estrela faz ficção com histórias reais e traz realismo para casos dignos de realismo fantástico em seu romance de estreia "Quando a Inocência Morreu". O livro busca na memória de uma família, o sentimento universal de querer saber de onde viemos.

"Eu não conheci nenhum dos meus avós, eles faleceram antes de eu nascer. Então eu tinha uma relação muito curiosa com essa questão da ancestralidade. Eu consegui uma bolsa para mestrado na Espanha em 2009, e lá mergulhei fundo nas bases da pesquisa histórica. Enquanto estava pensando no meu trabalho acadêmico não parava de pensar que eu estava fazendo o caminho inverso da minha bisavó castelhana. Pesquisava Curitiba e



Carolina Bassani/Divulgação

Para Estrela Ruiz Leminski, existem três mortes: a do corpo, a do esquecimento e a do nome não escrito

me vinha a inquietude de ser um lugar com uma configuração étnica enorme de migrações distintas. Essa inquietude eu pensava que viraria um doutorado. Mas acabou virando literatura", conta ela, que vai nesse livro muito além das raízes já conhecidas do público: seus pais Alice Ruiz e Paulo Leminski.

Sua pesquisa começou pelo lado polonês

do pai, revelando informações imprecisas. Assim, ela se aprofundou na genealogia, acessando documentos internacionais da Polônia e da Ucrânia. "Anos depois estava montando uma exposição sobre a polonicidade do lado do meu pai e quando fui construir a árvore genealógica descobri que tinham histórias pressupostas, mal contadas ou mal pesquisa-

das na família. Comecei a procurar os familiares, pesquisar em sites, fiz teste de saliva de ancestralidade e nesse caminho descobri diversos primos. Cada um deles ia me trazendo mais fragmentos de histórias", que foi unindo os cacos de histórias e documentos esparsos em uma narrativa coesa.

Dividido em partes, o livro é segmentado pelas histórias de cada personagem e por perguntas base: "quem", "quando", "onde" e "por quê", explorando personagens como Pedro, bisavô de Paulo Leminski, e Luíza, tataraneta no futuro de outra Luíza, avó de Alice Ruiz. A história ainda inclui Josefa, avó de Ruiz, e Inocência, avó de Leminski, que morreu jovem durante a gripe espanhola em Curitiba.

A pesquisa de Estrela revelou a invisibilidade feminina e as narrativas não contadas que frequentemente resultam no apagamento das histórias. Ela cita no livro que existem três mortes: a do corpo, a do esquecimento e a do nome não escrito. Determinada a preservar a memória de sua família, Estrela transformou sua pesquisa em quatro histórias independentes, onde curiosamente ela não aparece.

"Para mim, era muito importante trazer um fio condutor que me tirasse da pessoalidade", afirma. "Na realidade eu parti da minha família mas em algum momento assumi a ideia que era ficção. Com isso, além da liberdade criativa, tomei liberdade de incorporar na minha história, causos da família de amigos. Além disso, eu parti de elementos narrativos universais, o medo da morte, o amor não correspondido, a busca por identidade. Eu nunca quis contar uma história monótona cheia de datas, e heróis do cotidiano. Minha intenção é que se alguém não faz ideia de que são histórias baseadas em fatos reais ela mergulhe da mesma forma. O curioso é que muitas das coisas que parecem invenção são reais, e muitas das coisas que parecem fatos foram criadas".

Essa mistura, que a autora chamou de biografia fantástica, surge permeada por livros, baralhos, árvores e ciganos. Histórias sobre pertencimento, ancestralidade e identidade que se entrelaçam neste que é o terceiro livro de uma artista, que tem uma longa carreira dedicada à música.

Estrela lançou seu primeiro livro, "Cupido, cuspidor, escarrador", em 2004. Em 2010, publicou "Poesia é Não" pela editora Iluminuras, que foi contemplado pelo programa PNBE em 2012 e adotado por escolas em todo o país. Ela também participou de várias antologias de poesia, consolidando sua carreira literária e agora explorando novos territórios com seu romance "Quando a Inocência Morreu", disponível pela editora Iluminuras.